

Professores e novos talentos do choro no palco

PÁGINA 4



Christian Petzold incendeia San Sebastián

PÁGINA 5



O vampiro Morbius ressurgue para a vida no streaming

PÁGINA 6



2º CADERNO

Divulgação

Euforia à beira-mar

ArtRio hedonista refletiu o otimismo que tomou o mercado de arte brasileiro



Por Silas Martí (Folhapress)

Ele se sentia o cara. Já sem camisa àquela hora da noite, equilibrado no alto de um banquinho na sala ampla de seu apartamento no bairro carioca do Leme, com uma vista estratégica para o mar, o artista Ernesto Neto parecia querer mesmo gritar “Rio de Janeiro is back”, em bom inglês calibrado pelas caipirinhas fresquíssimas de limão saindo

do bar com o rugir das ondas do Atlântico ao fundo, uma sensação de esperança açucarada.

Os artistas arrebanhados ao redor, a nata das artes visuais cariocas, das veteranas Adriana Varejão e Laura Lima ao novato Bastardo, pareciam todos concordar com o anfitrião.

Depois de anos de pandemia e mal-estar, esta parece ser a “saison” em que mais se misturam línguas e otimismo no balneário mais lindo do planeta. O sol voltou - mesmo - a brilhar na zona sul do Rio e em boa parte de uma cena artís-

tica no Brasil castigada nos últimos anos por intempéries de toda sorte, políticas, econômicas e mesmo climáticas.

Debaixo de um sol escaldante, longe das tempestades que engolfaram a Marina da Glória no ano passado, a feira ArtRio realizou mais uma edição na semana passada entre quarta-feira e domingo. Nem mesmo o que alguns chamaram de tufão no meio do evento, que forçou a interdição de uma das alas da feira, arrefeceu os ânimos do povo “artsy” pronto para fechar negócio.

Continua na página seguinte

Vendas efetuadas já na Ponte Aérea



Sem Título, de Maxwell Andrade

A expectativa ainda às vésperas de mais uma feira no rastro de uma segunda SP-Arte do ano, em São Paulo, e uma edição da Bienal de São Paulo que começou já aclamada pela crítica mundial, não podia ser menos eletrizante na visão de galeristas e colecionadores. Os instantes antes da temporada de liquidações cariocas foram bastante eufóricos, talvez decisivos, já que muitas vendas eram concretizadas por galeristas paulistanos em plena ponte aérea. Alguns marchands vieram fazer só entregas, já que quase tudo estava vendido a partir das seleções enviadas de antemão aos clientes VIP.

No galpão da feira, uma série de obras estampavam alegres esse “mood” moda praia. Uma “Cena de Praia”, de Candido Portinari, mostra uma moça de biquíni tostado sob o sol, e José Pancetti fez um belo flagra marítimo em “Mulheres e Crianças na Praia”, ambas na Pinakothek Cultural.

Mas, já distante do modernismo, as praias do Rio de Janeiro atual, no fogo cruzado entre morro e asfalto, deram as caras numa série de obras vibrantes, a tônica de uma arte figurativa atualíssima que domina o circuito, de São Paulo e Rio a Los Angeles, Miami, Nova

York e Basileia, na Suíça.

Lá estavam as pinturas de rolês alegres de garotas de shortinho em galerias de arte, pegando um bronze em piscinas de plástico e batendo cabelo no baile funk, todos trabalhos de Priscila Rooxo, artista da galeria Francisco Fino, de Lisboa. Também estava ali a cena solar e praiana de Osvaldo Carvalho, da galeria Janaina Torres (SP), que pintou um rapaz sentado, iPhone na mão, apontando para três beldades de biquíni na praia de Ipanema.

Todos os personagens, assim como os artistas que os inventaram, são negros. Os nomes novos no circuito, homens e mulheres mais jovens ou mais velhos, trilham uma rota aberta por outros de uma novíssima leva de artistas que põs - e ainda mantém - a pintura figurativa da vida negra do país em primeiríssimo plano no cenário mundial já faz alguns anos, uma tendência que se reforça a cada temporada de feiras e bienais.

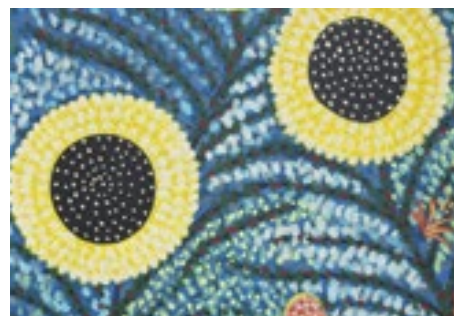
Um dos pioneiros dessa onda, Maxwell Alexandre, que recebeu convidados na galeria que mantém na Rocinha, onde cresceu, mostrou na ArtRio, na paulistana Millan, uma série de pinturas em que o fofo dinossauro mascote da Danone é espancado quadro a



Ogivas, de Alfredo Volpi



Identidade VI, de Igor Rodrigues



Sem Título (1970), de Grauben do Monte Lima

Divulgação



Ato Falho, de Marcelo Cidade

quadro.

As obras têm como pano de fundo embalagens de Toddyinho, o achocolatado que ele conta não poder ter tomado quando criança e fator na gênese de um trauma exorcizado agora em trabalhos avaliados na casa das dezenas de milhares de dólares.

Os trabalhos de Igor Rodrigues, na Acervo, de Salvador, levavam essa tendência à máxima potência. São retratos lustrosos de personagens negros com vidro nos olhos, cacós espelhados que fazem o público se ver na pintura. Na paulistana Leme, Tiago Sant'Ana, artista conhecido por performances e vídeos viscerais, entrou na seara da pintura com retratos empoderados de rapazes negros, num registro que lembra a operação visual de embaralhamento histórico do artista americano Kehinde Wiley.

Esse hedonismo preso em algum lugar no espectro de humor entre o ingênuo e o ácido transborda das telas de Grauben, pintora redescoberta agora pela galeria Galatea, de São Paulo, autora de quadros pontilhistas que retratam uma natureza exuberante, de pássaros e flores em brilhantes explosões cromáticas.

É praxe toda temporada ter seu velho mestre reinventado e readequado aos padrões do mercado, que mudam como as ondas do mar, mas a bela seleção de trabalhos que parecem remixar Matisse e Seurat com uma raiz brasileira não pareceu destoar de todo o conjunto das obras levadas à ArtRio. O mesmo rigor calculado, um pé na composição cerebral e outro na alta voltagem das cores, aparece nas telas de Alfredo Volpi, modernista levado à feira carioca pela Almeida & Dale, de São Paulo.

O preço dessa alegria é salgado, de R\$ 300 mil a R\$ 1,6 milhão cada obra. Mas nada assusta: os sorrisos estão de volta.

Jazz e clássicos em Niterói

Pianistas Bernardo Calvão e Rodrigo Duarte mostram seu virtuosismo no concerto '2 de Paus'

O Theatro Municipal de Niterói recebe nesta quarta-feira (20), às 19h, dois jovens talentos da música instrumental. Bernardo Calvão e Rodrigo Duarte sobem ao palco em "2 de Paus", um concerto de pianistas que mostram suas habilidades executando temas jazzísticos e do repertório clássico em show do projeto Geração Música.

Nascido em Niterói, Bernardo Martins Calvão é pianista e regente. Desde 1 ano de idade frequenta classes e ambientes de musicalização e iniciação musical, iniciou seus



Divulgação

Calvão e Duarte, talentosos pianistas da nova geração da música de concerto

estudos de piano e teoria musical com 12 anos na escola de música Villa-Lobos, sob tutela da pianista Luciana Gimenes Fantini e aos 17 iniciou seus estudos de regência com o maestro Alexander Chamarelli no Conservatório de Música de Niterói. Atualmente é regente

do coro Vozes do Bem no centro de Niterói e toca no grupo musical Besouros Barrocos.

Rodrigo Duarte é músico com formação nos estudos do erudito e do contemporâneo. Iniciou no violão aos 9 anos, estudou guitarra com Fernando Magalhães, inte-

grante do Barão Vermelho. Passou a se interessar mais pelo jazz ao estudar harmonia com o maestro Henrique Manso Júnior. Começou os estudos de piano clássico em 2018 com Philip Gutwein, com quem estuda até hoje, tendo também passado por outros profes-

res como o João Carlos Assis Brasil, quando teve um desenvolvimento mais fino da técnica jazzística, além do clássico. Também é cantor, possuidor de um timbre raro que vem sendo trabalhado pelo professor Carlos Maurício Moço.

No repertório clássicos como "Intermezzo em Lá maior op 118 nº 2" (Johannes Brahms), "Valsa op 64 nº 2" (Frederich Chopin), "Prelúdio op 23 nº 4" (Sergei Rachmaninoff), "Sinfonia BWV 1045" (Johann Sebastian Bach), "Romance sans Paroles op 17 nº 3" (Gabriel Fauré), "Wersich der Einsamkeit Ergibt" (Franz Schubert), "Disritmia" (Martinho da Vila) e "Carinhoso" (Pixinguinha), entre outros.

SERVIÇO

BERNARDO CALVÃO E RODRIGO DUARTE - 2 DE PAUS

Theatro Municipal de Niterói (Rua Quinze de Novembro, 35 - Centro) | 20/9, às 19h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Gomes Fotografia



Clarissa Chaves: EP previsto até o fim do ano

Ligada no modo acústico

Cantora e compositora Clarissa Chaves apresenta suas canções no Centro da Música Carioca

A cantora carioca Clarissa Chaves, que vem ressignificando sua carreira musical, agora solo, apresenta o show "Clarissa Chaves canta Ao Seu Lado" nesta quarta-feira, a partir das 19h, no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca, dentro da programação do projeto Quarta Acústica.

Ao lado do violonista Edson Suraty e com a participação especial de Mariana Gontijo, Clarissa

vai mostrar ao público dois novos singles que até o fim do ano estarão em todas as plataformas de música.

O show chega com repertório novo, confirmando o crescimento da artista no cenário musical, com sucessos que passam pelo pop nacional e internacional, R & B, MPB e rock alternativo de décadas diversas.

A voz de Clarissa e o violão de Edson Suraty se fundem e trans-

portam os ouvintes para momentos próprios, com uma potência indescritível e que vai agradar a todos os públicos.

Durante a noite, a cantora e compositora promete uma surpresa: mostrar o segundo single "21". "Trata-se de uma canção de amor que promete agradar a todas as idades, afinal estamos falando do sentimento humano mais vivido e cantado", explica a artista, que está em fase de produção dos singles e dos cliques das canções de um EP com seis músicas até o fim do ano.

SERVIÇO

CLARISSA CHAVES - AO SEU LADO

Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca) 20/9, às 19h
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CORREIO CULTURAL



Reprodução

George, Ringo, Paul e John em 1967

Fitas inéditas dos Beatles vão a leilão por até R\$ 2,4 milhões

Faixas raras dos Beatles vão a leilão por até US\$ 500 mil, o equivalente a R\$ 2,4 milhões. Os itens serão ofertados nesta sexta-feira (22). O lote com seis fitas cassetes era de um colecionador. Segundo ele, o material era de Derek Taylor, assessor de imprensa do grupo.

Fazem parte do catálogo gravações nunca antes ouvidas

do grupo britânico, incluindo ensaios da banda na casa de John Lennon e até faixas de álbuns não lançadas.

As fitas incluem ensaios para o álbum "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", gravações do álbum inédito de George Harrison com a The Bonzo Dog Doo-Dah Band e um disco de colaboração de Yoko Ono e Lennon.

Luto no palco

Morreu aos 83 anos o ator Harildo Déda, diretor de teatro e considerado um dos principais nomes das artes cênicas na Bahia. Déda participou de cerca de 70 peças e dirigiu mais de 20 espetáculos. E atuou no cinema e em séries de televisão.

Beijo censurado

Um beijo gay em "Terra e Paixão" entre os personagens Kelvin (Diego Martins) e Ramiro (Amaury Lorenzo) foi vetado pela Globo no capítulo da última sexta-feira (15), de acordo com a revista Veja. A emissora afirma que a cena não estava no roteiro.

Inclusão na moda

Ana Hickmann investiu num reality show inclusivo nas redes sociais e estreou no Youtube o "Beleza Com Diversidade". Na atração, a apresentadora irá buscar uma modelo fora dos padrões para representar a Plataforma Oceano em 2023.

Grana alta

Katy Perry vendeu seu catálogo de músicas por US\$ 225 milhões (R\$1,09 bi). O acordo inclui os direitos de publicação dos cinco álbuns que a cantora lançou entre 2008 e 2020 - "One of the Boys", "Teenage Dream", "Prism", "Witness" e "Smile".



Neste show de abertura, estarão com Maurício Carrilho o também professor Rui Alvim (clarinete), o ex-aluno Bidu Campeche (pandeiro) e os alunos Joaquim Simões (trompete), Victor Nigro (cavaquinho) e João Jacques (violão).

Choro de qualidade também se faz em casa

Composições inéditas dos alunos de composição abrem série de shows da Casa do Choro

Uma noite dedicada às boas novas do choro: é com esse espírito que a Casa do Choro promove nesta quarta-feira, dia 20 de setembro, às 19h, o show "Pratas da Casa: Novos Compositores", com repertório todo de músicas feitas pelos alunos de suas turmas de composição. A apresentação, com direção musical e arranjos do professor dessas turmas, o violonista e compositor Maurício Carrilho, abre a programação da série Pratas da Casa, que terá shows semanais – sempre às quartas-feiras – reunindo professores, alunos e ex-alunos da Casa do Choro e da Escola Portátil

de Música (EPM).

Neste show de abertura, estarão com Maurício no palco do Auditório Radamés Gnattali o também professor Rui Alvim (clarinete), o ex-aluno Bidu Campeche (pandeiro) e os alunos Joaquim Simões (trompete), Victor Nigro (cavaquinho) e João Jacques (violão). Este último comparece também como autor de uma das 16 músicas que formam o repertório do show.

"Lá se vão quase 20 anos desde que as aulas de composição entraram na nossa grade", explica o professor, atualmente à frente de cinco turmas. "Esta apresentação é, de certa forma, uma primeira mostra

de toda essa história."

Além de João Jacques, outros 12 nomes estão entre os novos compositores que formam este painel de choros inéditos que serão apresentados em primeira audição na Casa do Choro. Um painel musical que ultrapassa não só o Rio de Janeiro, como as próprias fronteiras do país – mais da metade do repertório selecionado por Maurício Carrilho é assinada por compositores italianos ou japoneses.

"Muita gente de outros lugares pôde se aproximar do choro com as aulas remotas que passamos a dar durante a pandemia", conta. "A paixão deles pela nossa cultura fica evidente nos detalhes e nas sutilezas que estão nessas composições."

O show "Pratas da Casa: Novos Compositores" é o resultado da interação de Maurício Carrilho, responsável pela seleção do repertório, com seus alunos e ex-alunos. Esses encontros de gerações acontecem a partir do diálogo educacional praticado pelo Instituto há mais de 20 anos.

SERVIÇO

PRATAS DA CASA: NOVOS COMPOSITORES
Casa do Choro (Rua da Carioca, 38 - Centro)
20/9, às 19h
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Em respeito aos movimentos grevistas de atores e roteiristas em Hollywood, o Festival de San Sebastián – que abre sua edição nº 71 nesta sexta-feira com o desenho animado “The Boy and the Heron”, de Hayao Miyazaki – optou por celebridades autorais vindas da Ásia e da Europa para compor seu júri deste ano, presidido pela diretora francesa Claire Denis, abrindo espaço para um pilar do cinema alemão: Christian Petzold.

O realizador nasceu há 63 anos na cidade de Hilden e iniciou em 1988 uma das carreiras mais sólidas de sua pátria entre realizadores que viraram grife. “Undine” (laureado com Prêmio da Crítica na Berlinale de 2020) e “Jericó” (indicado ao Leão de Ouro em 2008) consolidaram o prestígio que faz dele jurado no evento espanhol, na competição oficial pela Concha de Ouro. Noutra latitude, na mostra paralela Perlak, ele estará em concurso pelo prêmio de júri popular com o encantador “Afire” (“Roter Himmel”), que lhe rendeu o Grande Prêmio do Júri na Berlinale, em fevereiro.

“O afeto nos dá uma identidade de pertencimento”, disse Petzold ao Correio da Manhã num papo via telefone, durante a produção de “Afire”, que ganhou a láurea de Melhor Filme no Festival de Palic, na Sérvia. “Discutir identidade, a partir do cinema, é um processo antigo, que eu vejo até em Hitchcock. A Alemanha é um país assolado por uma culpa histórica que nos é imputada pelo que se passou durante o nazismo. Mas durante os bombardeios que se seguiram ao fim da II Guerra, em 1945, destruíram não só nossos prédios: acabaram com a nossa cultura, com a nossa moral e com a nossa ética. Acabaram com a nossa sensação de pertencimento. Eu faço parte de uma geração de diretores que busca as histó-



Um aspirante a escritor (Thomas Schubert) se apaixona por uma mulher misteriosa (Paula Beer) em ‘Afire’

O cineasta do incêndio

Grife autoral de maior ascensão da Alemanha hoje, Christian Petzold integra o júri de San Sebastián, onde exhibe, em mostra paralela, o aclamado ‘Afire’

rias que construíram essa grande História em que nos rodeamos de fantasmas. Por isso, nos meus filmes, há personagens ausentes, pessoas que desaparecem, mas deixam seu espectro”.

Embalado pelo hit “In My Mind”, do grupo vienense Wallners, o novo longa de Petzold já tem casa no Brasil: a Imovision. A distribuidora de Jean Thomas Bernardini foi responsável por trazer ao Brasil os cults anteriores desse artesão autoral germânico. Alguns deles foram lançados na grade da plataforma digital da distribuidora, o Reserva Imovision – e seguem por lá: “Bárbara” (2012), “Phoenix” (2014), “Yella” (2007), “A Segurança Interna” (2000) e o já citado “Jericó”. São longas que

ilustram sua relação de intertextualidade com a literatura, que se depura a cada novo título.

“Meu esforço é tirar a História de uma inércia arquetípica, é proteger os personagens do lugar comum, é fomentar uma nova perspectiva para a imagem”, disse Petzold, em Berlim.

Três anos após a consagração de “Undine”, o realizador extrai mais uma atuação magnífica de sua habitual parceira, Paula Beer, tendo dado à disputa pelo Urso de Ouro de 2023 seu roteiro mais engenhoso, numa ode à prosa literária. A atriz é a misteriosa hóspede de uma casa no litoral, numa fase alta de calor, onde um aspirante a escritor, Leon (Thomas Schubert), anseia por uma avaliação de seu editor.

Mas há incêndios ao redor, na mata, aossando os moradores e visitantes. Haverá um incêndio dentro dele também, mexendo com sua incapacidade de amar e sua falta de empatia.

“Num universo repleto de narrativas de pessoas que precisavam se esconder e se reinventar, construído pelo cinema ao longo de décadas, o amor aparece sempre como um norte para os personagens”, explica Petzold, que vai dar uma palestra ao público de San Sebastián sobre sua estética. “Percebo o mundo à minha volta, e sua sensibilidade, pelos ruídos que ele produz. Quando um cineasta procura locações onde filmar, ele, de costume, preocupa-se com o visual e busca imagens de referência,

confiando ao olhar o desenho de sua narrativa. Não por acaso, realizadores fazem esse processo acompanhados de um diretor de fotografia, para mapear as pistas visuais do que planeja contar. No meu caso, a engenharia de som é essencial para que eu pense um filme, tanto quanto a referência visual. Por isso, quando encontro um lugar, eu fecho os olhos e tento ouvir o que esse espaço tem. Preciso ouvir o que esse lugar expressa, para que ele me conte sua história”.

Ao lado de Petzold, sob a grência de Claire Denis, estarão no júri de San Sebastián a atriz chinesa Fan Bingbing; a produtora e diretora colombiana Cristina Gallego; a também francesa Brigitte Lacombe, fotógrafa; o produtor húngaro Robert Lantos; e a estrela espanhola Vicky Luengo. Essa plêiade de artistas tem 16 longas-metragens para avaliar. Estão em concurso: “All Dirt Roads Taste of Salt”, de Raven Jackson (EUA); “A Journey in Spring”, de Tzu-Hui Peng e Ping-Wen Wang (Taiwan); “Un amor”, de Isabel Coixet (Espanha); “Ex-Husbands”, de Noah Pritsker (EUA); “Fingernails”, de Christos Nikou (EUA); “Great Absence”, de Kei Chikara (Japão); “Kalak”, de Isabella Eklöf (Dinamarca); “MMXX”, de Cristi Puiu (Romênia); “Puan”, de María Alché e Benjamín Naishtat (Argentina); “La Práctica”, de Martín Rejtman (Argentina); “L’Ile Rouge”, de Robin Campillo (França); “The Royal Green”, de Kitty Green (Austrália); “O Corno”, de Jaiome Camborda (Espanha/Portugal); “Un Silence”, de Joachim Lafosse (Bélgica); “Le Successeur”, de Xavier Legrand (França); e “El Sueño de la Sultana”, de Isabel Herguera (Espanha). O Brasil não tem protagonismo na caça à Concha, participando apenas como coprodutor de alguns concorrentes, mas terá dois títulos na mostra competitiva Horizontes Latinos: “Pedágio”, de Carolina Markowicz, e “Estranho Caminho”, de Guto Parente.

Janus Films

Tratado a pedradas na telona, ‘Morbius’ encontra uma chance de notoriedade no streaming

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Orçado em cerca de US\$ 80 milhões, “Morbius” faturou US\$ 167 milhões nas bilheterias em 2022, o que desapontou as expectativas dos exibidores em torno de uma mistura talhada para lotar salas entre filmes de vampiros e filmes de super-herói. O tempo, contudo, encontrou um lugar de destaque para o filme na streaminguesfera.

Presente hoje na grade da HBO Max, o longa vai para a Amazon Prime em breve. Paralelamente, nas bancas, um encadernado da Panini com aventuras do sanguessuga desperta a atenção do público leitor.

Refratário ao bom-mocismo convencional dos filmes derivados de HQs, preferindo a matriz de horror e a medula existencialista inerentes às narrativas de vampiros, “Morbius” lembra muito “Lobo” (1994), pérola de Mike Nichols (1931–2014) que usava a licantrópia (maldição capaz de transformar pessoas em lobisomens) como metáfora para a evolução da espécie e pra fome. Fosse a fome desmedida por bem-estar, esta encarnada por um alquebrado editor de livros vivido por Jack Nicholson; fosse a fome desenfreada por Poder a qualquer custo, traduzida no Iago desempenhado por James Spader, enciumado do saber de seu outrora tutor. Há um caso bem parecido na inteligente transposição que o sueco de origem chilena Da-



Jared Leto vive o Dr. Michael Morbius das HQs nas telonas

Sobrevida para o Nosferatu da Marvel

niel Espinosa (de “Protegendo o Inimigo”) fez do vilão (por vezes anti-herói) criado em 1971 nas páginas do gibi “The Amazing Spider-Man #101”, onde apareceu como algoz do Homem-Aranha. O Nicholson deste engenhoso thriller de gente superpoderosa (mas não de super-heróis) é o Dr. Michael Morbius, um hematologista que recusou um prêmio Nobel por crer que seus experimentos em busca da criação de sangue artificial não estavam prontos para serem laureados – papel dado a um inspiradíssimo Jared Leto. Já o Spader desta resposta da Marvel à DC Comics é Milo, personagem brilhantemente encarnado por Matt Smith, o Dr. Who. Assim como

Morbius, Milo nasceu com uma doença sanguínea rara, que limita seus movimentos e pode parar seu coração a qualquer momento. Mas não sua ambição.

Regado a adrenalina do começo ao fim, em sequências de ação apolíneas, calçado em uma direção de arte exuberante (assinada por Stefania Cella e James Lewis), “Morbius” surpreende em múltiplas latitudes sobretudo ao devolver a Marvel ao lugar onde começou sua trajetória de glórias (e fortuna) no cinema. Seu império começou com um sugador de sangue, o Blade de Wesley Snipes, figura que está sendo repaginada agora por Mahershala Ali. Em 1998, falar de histórias em quadrinhos em Hollywood era um

assunto proscrito, graças ao vergonhoso fiasco que foi “Batman & Robin” (1997), com George Clooney (Homem-Morcego) versus Arnold Schwarzenegger (Sr. Frio). Foi então que Snipes bateu na Casa das Ideias (apelido da Marvel no mercado editorial) propondo uma adaptação do Pantera Negra. A editora negou, alegando que aquele herói era icônico demais e que aquele não era o momento para ele.

Snipes solicitou outras opções de heróis negros. Sugeriram Blade, um coadjuvante do Homem-Aranha, assim como Morbius, classe B. Como essa indicação do staff marvete era uma figura vampírica, e figuras deste tipo, desde 1922, quando o realizador F.W.

Murnau (1888–1931) lançou “Nosferatu”, lotam salas de exibição, Wesley embarcou na ideia.

Levou-a às telas, com direção de Stephen Norrington, e emplacou um fenômeno que ninguém na indústria esperava. Abriu ali caminho não só para que a Marvel tivesse uma apoteose no cinema, como para que os mais variados quadrinhos fossem assimilados pelo audiovisual, gerando uma fonte de dramaturgia inesgotável, que chegou à streaminguesfera devastadora, vide a brilhante série “Cavaleiro da Lua”, na Disney+. Embora “Morbius”.

Sua força vem de um bom protagonista, Leto, injustamente maltratado em seu belíssimo trabalho em “Casa Gucci” (2021). Dublado por aqui por talentos como Clécio Souto, Leto injeta angústia na composição de Morbius que, na trama, investiga espécies de morcego pra encontrar a cura pra sua doença até se contaminar com seus experimentos e virar um monstro sedento por hemácias. Monstro dotado de velocidade sobre-humana, poder de voo, garras afiadíssimas e força descomunal. O problema é que Milo também terá tudo isso. E será uma guerra... entre amigos e entre grandes atores.

Pino Gomes/Divulgação

Baseado em best-seller homônimo, '60 Dias de Neblina' entra em sua última semana de temporada no Gláucio Gill

Atriz Juliana Didone encena o monólogo "60 Dias de Neblina" que chega à sua última semana no Teatro Gláucio Gill. Com direção de Beth Goulart, o texto de Renata Mizrahi é livremente inspirado no sucesso literário de Rafaela Carvalho, que aborda com humor e leveza as alegrias e descobertas de uma mãe de primeira viagem, às voltas com os meses iniciais da maternidade.

Foi com o nascimento de Liz, hoje com cinco anos, que Juliana Didone conheceu o livro "60 Dias de Neblina", sucesso que vendeu mais de 200 mil cópias e já tem traduções para o inglês e o espanhol. Na publicação, as aventuras de uma mãe diante do seu bebê recém-nascido, com situações desconhecidas, como os hormônios em ebulição. Desafios como a amamentação, as noites mal dormidas, o choro e os questionamentos sobre a sua autoestima. Mas, também, as muitas alegrias deste maravilhoso encontro de amor incondicional.

"60 Dias de Neblina" chega como um ato de acolhimento. Uma rede de apoio para mulheres que buscam entender o turbilhão de emoções com a chegada da maternidade. "Dizem que quando o dia amanhece com muita neblina e porque será um dia lindo, de muito sol. E '60 Dias de Neblina' tem a ver com esta neblina que vem antes do sol e do céu azul: uma jornada enlouquecedora e incrível que é a maternidade. Uma mistura de



Juliana Didone em '60 Dias de Neblina': 'Quando li o livro eu me identifiquei imediatamente e foi um abraço gostoso, porque entendi que não estava sozinha ao me sentir perdida'

Um turbilhão de emoções chamado maternidade

sentimentos que ninguém consegue explicar. Uma sensação de felicidade plena misturada com cansaço, amor, euforia, tristeza. Chora o bebe, chora mãe, e os dias passam, e entre um choro e outro aparecem os sorrisos. Sorrisos que fazem seu coração explodir de amor e alegria", diz um trecho do best-seller.

"A peça vem da necessidade de dividir com o máximo de mulheres a transformação que é ser mãe. É um mergulho muito profundo na contradição dos

sentimentos. Se hoje você está feliz e amando a maternidade, amanhã você vai se perguntar se era isso que você queria mesmo. Essa dualidade é aterrorizante porque é muito humana. E quando li o livro da Rafaela eu me identifiquei imediatamente e foi um abraço gostoso, porque entendi que não estava sozinha ao me sentir perdida. Agora eu quero dar esse abraço em todas as mães, através do teatro", reflete Juliana Didone.

"Um filho é um compromisso

de amor, uma responsabilidade de fazer quem amamos ser feliz. É um projeto lindo que mostra as alegrias, as descobertas, e os desesperos de ser mãe e trabalhar com Juliana Didone é uma alegria. Ela é uma ótima atriz, que tem muita consciência corporal e está respondendo muito bem à proposta conceitual do teatro essencial, que faz parte de minha linguagem na direção. Uma linguagem centrada no ator, que é o criador e o condutor da cena. Ela está colocando todo seu ta-

lento, seu humor e seu carisma para viver Luísa, e nos levar para uma viagem reveladora, deliciosa e bem humorada de 60 dias de neblina", declara Beth Goulart.

"Além de ter sido meu primeiro livro publicado, o '60 Dias de Neblina' foi escrito em um momento de muita e imensa vulnerabilidade, que é o processo de nascimento de uma mãe desse novo papel, desse novo amor, das novas abdições, das novas demandas, e tudo que isso implica na vida de alguém. E ver essa transformação retratada no palco, com o empenho e o talento de toda equipe, e o resultado que está assim, fenomenal, tem sido no mínimo mágico pra mim", empolga-se Rafaela Carvalho, que hoje tem um total de cinco livros publicados.

SERVIÇO

60 DIAS DE NEBLINA
Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)
Até 25/9, segundas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.